direção do tratamento



isso que não engana sob o que engana

Ângela Mucida

o sujeito diante do que não engana

É com um estado depressivo bem acentuado que Jesus (63 anos) chega à análise, após um tratamento medicamentoso de longo tempo. Diz-se "abatido pelo tempo" e reclama dos efeitos do envelhecimento, concernentes à perda de poder sobre sua família e à relação com o trabalho. Após vinte anos de um comércio satisfatório, transitando entre este, seguindo os passos do pai, e outra escolha profissional, e por fim dedicando-se inteiramente ao comércio, com uma aposentadoria adquirida bem cedo, Jesus se vê diante de uma nova "economia", de mercado e própria. Endividado, pagando títulos em cartório, ressente-se do comando das mulheres (esposa e filhas), que resolveram assumir o negócio familiar sob a alegação de que, diante de sua "crise", era-lhe impossível gerir os negócios.

Um fato agrava ainda mais sua situação, deixando-o completamente transtornado: a mulher e a cunhada, à sua revelia, saldam toda sua dívida. Isso que "lhe rasga o peito", sua angústia, pelo dispositivo analítico pouco a pouco encontra um discurso carregado de ressentimentos: "Agora estou nas mãos delas, elas comandam, querem me rebaixar, tornando-me pequeno". Esses significantes denunciam tanto o efeito feminizante dessas mulheres sobre ele quanto os efeitos de uma dívida paga sem seu consentimento.

Da crise do pai "desqualificado" (que se escancara por diferentes significantes), ele passa à crise de sua posição masculina. Diz sentir-se um "objeto qualquer, sem valia, que despenca como despenca fruta madura, velha, que já não presta". O que despenca? De início, sua resposta traz um discurso carregado de justificativas que vão das mudanças advindas do envelhecimento àquelas do mercado. Entre uma e outra, o "necessário" da dívida surge como ponto importante do sentido de seu gozo. Por que o necessário, "isso que não cessa de se escrever"[1], impõe-se à dívida? O que ele deve?

Jesus anuncia pouco a pouco seu ponto de identificação a e fixação em um pai que falha. Um pai privado de pagar a dívida, que morre de ataque cardíaco ao ser cobrado por uma dívida já paga quando Jesus tinha apenas quatro anos. Um pai

[1] Lacan. O seminário: De um Outro ao outro (1968-1969): aula de 4 de junho de 1969, inédito.

que negociava fazendo dívidas, pagando-as para refazê-las em seguida – circuito quebrado quando entrega o dinheiro a um amigo para que o repasse ao credor, e o amigo não o faz. Ao ser cobrado pela dívida paga/não paga, morre de um ataque cardíaco fulminante. Entre uma possibilidade e outra, a dívida simbólica do Pai morto se mistura às dívidas no real: "Eu sempre fiz dívidas e as pagava, mas agora...". No "agora" advém a Jesus a impossibilidade de postergar o pagamento de uma dívida real, já paga, fazendo furos nesse mais gozar. É claro que tal posição surge também na transferência, sob a dificuldade de pagar as sessões uma por uma, e tem de ser manejada.

As intervenções da analista, a princípio em torno de certo remanejamento do gozo fálico (já que algumas questões no real demandam respostas que sejam possíveis), vender a loja ou a perspectiva de trabalhar na outra profissão, não lhe trazem o alívio esperado. Ressente-se do ato das mulheres: a dívida era dele, e não delas. Como alguém poderia tê-lo privado de pagar a dívida? "Uma dívida é sempre pessoal".

A posição no real de uma mulher que, saldando sua dívida, retira-lhe de um só golpe as amarras fálicas e lhe impõe uma angústia implacável faz vacilar aquilo que, para ele, recobria o objeto e a condição de seu desejo, já que fica exposto que, a partir do ato da esposa, ele perdera a confiança ("comfiança") na mesma e, com ela, o desejo.

Diante de minha questão – "Uma mulher não pode pagar a dívida?" –, ele traz uma importante cadeia significante na qual a posição materna surge como aquela que "cuidou de tudo", criou os filhos, trabalhou e os sustentou, enfim, uma mulher que, diante do fracasso paterno, surge como potência fálica. A dívida simbólica do Pai morto, retalhada pelo ato das mulheres ao "liquidarem" sua dívida real, anulando a escansão entre uma e outra e traçando no real a impossibilidade de postergar o pagamento da segunda, escancara-lhe o real da castração e o encontro com a morte. A impotência do pai morto se transveste em sua própria impotência.

De todo modo, pela via da denegação ou da anulação, Jesus acaba por reforçar o significante, já que "quanto mais eu digo que isso não está aí, mais isso está"[2], ou seja, quanto mais ele denega a dívida no real, mais reforça a dívida simbólica pela qual fortalece também sua herança e identificação ao pai morto, buscando perpetuar o mais de gozar.

Queixa-se dos efeitos colaterais dos remédios que, segundo ele, inibem-lhe o ato sexual, causando-lhe sintomas de impotência. Ao mesmo tempo, acentua não saber se "não seria

[2] Lacan. *O seminário: A angústia (1962-1963)* (Inédito: aula de 30 de janeiro de 1963)

melhor deixar para lá" a ter de conviver com o que denomina "a ilusão do homem que come a mulher". Angustia-se diante do fato de que, pela primeira vez, percebeu que a fala popular para nomear o gozo masculino é completamente falsa: "Como é que não havia percebido isso antes? São as mulheres que comem os homens, e não o contrário, já que elas podem gozar várias vezes se quiserem, enquanto os homens, quando gozam, ficam exaustos, frouxos". Angustia-se tanto diante da certeza da detumescência do órgão masculino, "isso que cai, fica frouxo", quanto da possibilidade feminina de não mentir sobre o gozo e não precisar apresentar seu desejo na cópula: "Seu parceiro jamais saberá ao certo se ela goza, sente prazer. Não sei se dou prazer à minha mulher, não sei se ela finge só para terminar mais rápido e ficar livre de mim".

Isso sinaliza bem as três vias pelas quais surge a angústia – o que eu quero [*Che vuoi*]?, o que o Outro quer?, como o Outro goza? – e que traçam o encontro do sujeito com o S (Ⱥ). Como assinala Lacan, o falo em "estado murcho"[3] tem função de resto, quando o desejo é satisfeito. Podemos pensar que são nesses intervalos, nisso que faz resto, que Jesus encontra a angústia. Momento importante, já que nele é exposto à implicação de seu desejo nesse ato.

[3] Lacan. *O seminário: A angústia (1962-1963)* (*op. cit.*: aula de 13 de março de 1963)

Jesus faz à esposa intermináveis demandas de demonstrações de amor e desejo, sem que nenhuma resposta da mesma possa aplacar esse encontro com o real da diferença dos sexos, o real da castração.

Vale lembrar que a mulher como causa da angústia foi assinalada por Freud em O tabu da virgindade, "o homem primitivo institui um tabu quando teme algum perigo"[4], em que desenvolve a tese de que o tabu não é a virgindade, mas a própria mulher, já que esta, encarnando a diferença – a castração –, impõe o enigma do sexo e o risco dos efeitos feminizantes sobre o viril. Ele afirma, nesse sentido, que sempre que o homem primitivo se lançava em expedições importantes, ele se afastava da mulher.[5]

[4] Freud. O tabu da virgindade (1917/1975, p.185).

[5] A propósito, ver Mucida. Do mestre antigo ao mestre moderno (2001)

Dessa forma, a mulher como Outro sexo traça o perigo iminente a Jesus pelo horror à castração. Sabemos que, para Lacan, o gozo do Outro, gozo sem as amarras fálicas, ponto de interseção entre o real e o imaginário e lugar de inscrição da angústia, difere do gozo feminino, já que este, sendo não-todo, guarda uma referência fálica, até mesmo para fazer-se não-todo.

Jesus não compreende nada sobre o gozo feminino, ele interpreta o gozo das mulheres como gozo do Outro, gozo sem barreiras que invade o sujeito. Da mesma forma que confunde

dívida simbólica e dívida real, não delimita uma distinção entre gozo feminino e gozo do Outro, erguendo diante disso uma série de defesas imaginárias.

Pelas vias da escrita, uma das vias reabertas pela análise, ele tenta escrever algo sobre isso que não cessa de não se escrever. Em um escrito intitulado *Angústia*, expõe o insuportável que o assola:

> Filha bastarda do egoísmo
> Irmã gêmea dos interesses pessoais.
> Portadora de uma realidade quase sempre fatal.
> É como gelo que acoberta um rio:
> Às vezes consegues chegar à outra margem:
> O mais comum é submergires na travessia.
> Filha bastarda da rainha-abelha de cujo companheiro se prenhe e, em seguida, o mata.

Ao tentar escrever sua angústia, ele faz uma dupla inscrição da mesma: sua relação com o gozo, que ele associa ao feminino, esse enigma portador de uma realidade "quase sempre fatal", e sua relação com a castração. No dizer de Lacan,

> [...] é enquanto quer meu gozo, isto é, quer gozar de mim – não pode haver outro sentido – que a mulher suscita minha angústia, e isso por uma razão simples, inscrita há muito tempo na nossa teoria: é que não há desejo realizável na via na qual situamos senão implicando a castração. É na medida em que se trata de gozo, isto é, onde é a meu ser que ela quer, que a mulher só pode alcançá-lo castrando-me.

o que engana

Se a angústia não engana, a estratégia obsessiva é justamente não permitir que se extraia dela seu ponto de certeza, é fazer da mesma a causa da dúvida. Situar-se nesse circuito "dou ou não prazer à minha mulher" é a forma encontrada por Jesus para perpetuar um encontro imaginário com o objeto. Da mesma forma, sua impotência se inscreve no ponto no qual ele é obrigado, diante do efeito feminizante da mulher, a responder com seu desejo.

Se, contudo, a angústia não engana, o sintoma engana, mascara, pois mesmo sendo o que de mais real o sujeito apresenta, ele tem uma face voltada para o simbólico, uma face metafórica, sendo inscrito, tal como o gozo fálico, entre o real e o simbólico. Se a angústia se funda por si mesma no sentido da pura presença, o sintoma, principalmente na neurose ob-

sessiva, tem de ser fundado, já que gira em torno da inibição. Como sabemos, o sintoma, para a psicanálise, só é constituído quando o sujeito dele se apercebe, constituindo, portanto, um enigma. O sintoma surge como irrupção da verdade ou, como acentuou Lacan em *O saber do psicanalista*[6], ele representa o retorno da verdade no campo do saber, e este só se constrói no percurso de uma análise. De qualquer forma, a sistematização do sintoma não se dá sem os sinais de angústia, daí a importância dessa forma clínica do real.

[6] Lacan. *Le savoir du psychanalyst* (1971-1972/Inédito)

Nesse caso clínico, a angústia anuncia o encontro do sujeito com o real (o falo como queda, esse insuportável da obscuridade do encontro homem–mulher), a que Jesus responde com a impotência. Esta é articulada por Lacan[7] como "o desejo de não ver", que faz um correlato com *o fantasma de onipotência* caracterizado pelo "desejo de não saber", fundamental para sustentar o não ver da castração. Ao contrário de Tirésias, que, em sua cegueira, vê a diferença inscrita no gozo feminino e masculino, ou seja, que as mulheres não dependem da limitação imposta aos homens no ato sexual, Jesus, entre o desejo de não ver e o de não saber, responde com a inibição como forma de inserir um anteparo às irrupções da angústia e à problemática aberta pela mesma.

[7] Lacan. *O seminário: A angústia* (*op. cit.*: aula de 3 de julho de 1963)

Dessa forma, a impotência ainda não constitui para esse sujeito um sintoma subjetivado, trata-se de um sujeito embaraçado, inibido pelo ato, no circuito inscrito pelo impedimento[8] e que dele não quer se livrar. A inibição está do lado da ocultação estrutural do desejo, ou seja, ela introduz um desvio diferente daquele que a função poderia lhe dar em torno do mesmo. Mas, ao mesmo tempo, ela "é a primeira forma evolutiva do desejo [...]; quando o desejo aparece formado pela primeira vez, se opõe ao ato mesmo por onde sua originalidade de desejo se introduz"[9]. Sendo a primeira forma de ocultação do mesmo, ela é um índice importante na direção do tratamento. Como faz notar Lacan em relação à angústia, o desejo está situado no nível da inibição. Por quê? Porque, pela inibição, o sujeito constrói uma defesa contra o desejo, já que ela introduz na função algo diferente daquilo que se esperaria dela.

[8] *Ibid.*: aula de 26 de junho de 1963.

[9] *Ibid.*: aula de 3 de julho de 1963.

A inibição tem variadas formas de incidência na clínica: impedimento do ato, impedimento de amar, gozar, trabalhar, movimentar-se etc., que faz ressonância com a procrastinação do ato. Lacan apresenta a tríade inibição, desejo e ato[10], sendo que o ato advém como manifestação do desejo, que teria sido "feito para inibi-lo".

[10] *Ibid.*: aula de 30 de junho de 1963.

O impedimento, esse "preso na armadilha", faz com que o obsessivo busque infinitamente reencontrar no processo do

desejo a causa autêntica, aquela que o levará ao objeto último, derrisório. Por isso mesmo, é uma busca sempre em suspenso. A procrastinação, comandada pelo reino da dúvida e que visa a evitar a certeza do real, está também no *acting-out*. É freqüente no obsessivo a passagem da dúvida ao *acting-out*.

O *acting-out* se dirige ao Outro e essencialmente se mostra, mostra sua causa[11], mas, sendo "visível" ao máximo, ele é assim invisível, ao menos para quem o faz. No obsessivo, ele visa a fazer certa escansão, certo desvio a fim de perpetuar a busca infindável. Dirigindo-se ao Outro, o *acting-out* tem sua face de demanda, e é exatamente aí que podemos circunscrever melhor a direção do tratamento na neurose obsessiva. Para velar o desejo do Outro, o obsessivo tem como primeiro recurso a demanda, infindáveis demandas para que o Outro lhe peça isso ou aquilo. Uma vez que, como afirma Lacan[12], a análise sustenta a dimensão análoga da demanda, mas não para respondê-la, podemos pensar que no obsessivo isso cria pontos de impasse, pois, ao se posicionar sob a mesma, esta lhe evocará seu próprio desejo.

A direção do tratamento no caso abordado ordenou-se pela retificação do sujeito com o real, no primeiro momento, a ir além do pai, separando a dívida simbólica impagável da dívida real, que se deve pagar, bem como a distinção do gozo do Outro do gozo feminino. Nesse percurso, é essencial o manejo da demanda, pois, da mesma forma que o desejo se apresenta não como enigma, mas sim como defesa (por vacilação e anulação), à medida que o sujeito se aproxima do objeto de seu desejo (pois desejar o Outro não é senão desejar sempre o *a*) advém a demanda, mas essa tem estreita relação com a morte. Dessa forma, ao demandar, o obsessivo o faz de forma que essa demanda não possa ser satisfeita, pois, sendo demandas que levam à morte, mesmo se dirigindo ao Outro, elas acabam por visá-lo. Da mesma forma, o ato de gozar gera, pela detumescência, a sensação de morte.

Para concluir, afirmamos com Lacan que a impotência traz essa falta central, "é aquela que destina o homem a só poder gozar de sua relação ao suporte de +phi, quer dizer, de uma potência enganadora"[13]. Entre o que não engana e o que engana, entre o desejo de não ver e não saber, a impotência advém como aquilo que faz "rolha", que fecha a causa do desejo. Diante disso, é preciso saber manejar aquilo que surge comumente na análise do obsessivo como "torneira"[14] que se abre, esse *acting-out*, esse jato "sem saber o que se faz".

[11] *Ibid.*: aula de 23 de janeiro de 1963.

[12] *Ibid.*: aula de 12 de junho de 1963.

[13] *Ibid.*: aula de 5 de junho de 1963.

[14] Metáfora de Lacan em relação a ato, *acting-out*, e causa: abrir uma torneira sem saber o que se faz (passagem ao ato) ou abri-la como o faz uma criança pela simples presença do jato d'água. Ver *O seminário: A angústia* (*op. cit.*).

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1917) O tabu da virgindade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XI.

LACAN, Jacques. *O seminário: A angústia (1962-1963).* Tradução do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Inédito. (Versão brasileira fora do comércio).

LACAN, Jacques. *O seminário: O ato analítico (1967-1968).* Inédito. (Versão brasileira fora do comércio).

LACAN, Jacques. *O seminário: De um Outro ao outro (1968-1969).* Inédito.

LACAN, Jacques. *Le savoir du psychanalyste (1971-1972).* Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário: O sinthoma (1975-1976).* Inédito.

MUCIDA, Ângela. Do mestre hegeliano ao mestre moderno. *Heteridade. Revista de Psicanálise do Campo Lacaniano*, n. 1, mai./out. 2001.

resumo

A partir de um caso clínico de neurose obsessiva, o texto aborda pontos relativos à irrupção da angústia (isso que não engana) e sua relação com o encontro do real do sexo. Assinalando a resposta à angústia pela inibição do ato sexual apresentada por esse analisante, traz algumas reflexões sobre a relação entre inibição, angústia e sintoma (isso que engana) na direção do tratamento.

abstract

From the clinical case of neurosis, the present article brings some points relative to the irruption of the anguish (that which does not deceive) and its relation with the encounter of the real sex. In the same way, the clinical case points the answer to the anguish through the inhibition of the sexual act, presented by the analisante. The article also leads to some reflections on the relation between inhibition, anguish and symptom (that which deceives) in the direction of the cure.